

impossível explicar claramente o que é um «comentário» e como se avalia tal coisa. Deve-se pedir aos estudantes que formulem problemas, teorias e argumentos pelas suas próprias palavras; e deve-se fazer perguntas directas, que obriguem o estudante a pensar e o impossibilitem de se limitar a repetir sem compreender.

As perguntas devem ser feitas de modo a que para lhes responder o estudante tenha de usar, ao invés de se limitar a repetir, as noções transmitidas. Assim, em vez de se perguntar ao estudante, por exemplo, o que é um argumento válido, devemos antes perguntar-lhe se será possível um argumento válido ter uma conclusão falsa e porquê. Ao justificar a sua resposta, o estudante será obrigado a pensar e a usar a definição de argumento válido, ao invés de se limitar a decorá-la e a falar dela.

Os estudantes têm de aprender a descobrir, num texto, o problema que está em causa, a posição que está a ser defendida e os argumentos que sustentam essa posição. É importante compreender que estes textos não devem ser apenas textos de filósofos. Na verdade, na maior parte das vezes, estes textos não são adequados a este exercício, por serem demasiado complexos para estudantes do 10.º e 11.º anos. O professor deverá socorrer-se de outros textos de carácter filosófico, mais simples e adequados aos estudantes, podendo e devendo o professor escrever os seus próprios textos.

O exame nacional

Os exames nacionais constituem um instrumento importante para potenciar a qualidade do ensino. Mas isso só poderá acontecer se as provas forem bem concebidas. Uma prova não pode ser bem concebida se os princípios gerais que presidem à sua concepção não forem transparentes, tanto para professores como para estudantes. As duas provas aqui apresentadas exemplificam um modelo adequado para um exame nacional de Filosofia do 10.º e 11.º anos. Os princípios a que as provas obedecem são os seguintes:

1. Têm uma estrutura fixa, simples e fácil de compreender, de tal modo que estudantes e professores saibam sempre com o que contam e não tenham de se adaptar constantemente a sucessivas inovações.

2. Dão aos estudantes o tempo suficiente para responder a todas as perguntas, sem que se sintam pressionados pela falta de tempo. O que se procura avaliar é a qualidade dos seus raciocínios e não a sua velocidade, pelo que o questionário não deve ser extenso, adequando-se ao tempo que têm ao seu dispor.

3. As perguntas são tão claras e directas quanto possível, de modo a que qualquer estudante possa saber com a máxima precisão o que lhe está a ser pedido.

4. Os conteúdos avaliados testam as competências filosóficas fundamentais, principalmente aquelas que se espera que os alunos possuam no final da sua aprendizagem. Isto explica por que razão a prova de exame nacional não tem de ser igual aos testes escritos que os professores fazem nas aulas.

5. Os conteúdos avaliados são potencialmente todos os que constam do programa, abrangendo as diferentes disciplinas filosóficas, apesar de não ser possível incluir perguntas sobre todos na mesma prova. Por isso, conteúdos que não são avaliados numa prova podem vir a sê-lo noutra, e vice-versa. Há, todavia, conteúdos filosóficos que devem constar de todas as provas. Trata-se dos problemas que fazem parte das disciplinas filosóficas tradicionalmente consideradas centrais: lógica (formal e informal), epistemologia, ética e metafísica. Por sua vez, a filosofia da arte, a filosofia política, a filosofia da religião e a filosofia da ciência, não sendo centrais, não constam *simultaneamente* de todas as provas.

6. Os estudantes devem ser avaliados acerca dos mesmos conteúdos — portanto, acerca das mesmas perguntas — de modo a que as condições de avaliação sejam também as mesmas. Isso só não pode ser feito nos casos em que o próprio programa apresenta conteúdos opcionais, como acontece em relação aos problemas da ética, da filosofia política, da filosofia da religião e da metafísica. Apenas nestes casos se exige, por razões óbvias, a inclusão de perguntas opcionais. Mas ainda que no programa exista a escolha, por exemplo, entre dois problemas de um leque de três, isso não significa que os três problemas tenham de surgir como opção na prova de exame. A ser assim, bastaria ao estudante preparar-se para um dos problemas, pois teria sempre a garantia de que tal problema seria contemplado. De modo a prevenir isso, é importante preservar sempre alguma margem de incerteza, o que se faz excluindo da prova, ao acaso, uma das opções. Esta solução tem o inconveniente seguinte, difícil de evitar: os alunos que, por coincidência, estudaram os mesmos dois problemas

que são colocados como opção ficam em vantagem em relação aos que estudaram o problema que, por acaso, não foi incluído na prova. Esta desigualdade aleatória — como, aliás, muitas outras — é praticamente impossível de eliminar.

7. Dado tratar-se de provas de Filosofia e não de Português, o objectivo é avaliar unicamente as competências próprias da disciplina. Assim, as provas não contêm as habituais perguntas de interpretação de texto, que avaliam competências relacionadas com a compreensão da língua. Nos casos em que se usam textos de filósofos, as perguntas estão concebidas de modo a exigir ao estudante que discuta filosoficamente as ideias dos filósofos em causa.

Vejamos mais em pormenor a estrutura e o conteúdo das duas provas. Desde já, cabe dizer que se apresentam duas provas, e não uma, para mostrar como se podem fazer provas diferentes com uma estrutura fixa e facilmente perceptível, e também para mostrar o mecanismo referido relativamente às disciplinas filosóficas que alternam de prova para prova.

As provas têm seis partes, correspondentes a seis diferentes disciplinas filosóficas leccionadas nos 10.º e 11.º anos. Entre elas estão as quatro consideradas centrais (lógica e argumentação, epistemologia, ética e metafísica) e mais duas das outras (filosofia da arte, filosofia política, filosofia da religião e filosofia da ciência). As diferentes partes estão intituladas precisamente com os nomes das respectivas disciplinas.

Eis como cada parte está concebida:

1. Lógica — Esta parte é constituída por quatro perguntas de resposta obrigatória, que testam noções e competências elementares, tais como: definições; identificação de argumentos (premissas, premissas suprimidas e conclusões); validade e solidez; negação de proposições; cálculo de valores de verdade; teste de validade de argumentos (inspectores de circunstâncias); derivações e falácias. As respostas são curtas. A cotação total é de quarenta pontos em duzentos, dez para cada pergunta.

2. Epistemologia — Esta parte é constituída por uma pergunta de resposta obrigatória. Não há aqui opções porque o programa também não propõe problemas como opção. A cotação é de trinta pontos.

3. Ética — Esta parte é constituída por uma pergunta de resposta obrigatória sobre metaética ou sobre as teorias da ética, mas não sobre ambas, e de mais duas perguntas sobre dois problemas de ética aplicada (aborto e euta-

násia, ou aborto e direitos dos animais, ou eutanásia e direitos dos animais, ou aborto e direitos dos animais), das quais os alunos escolhem apenas uma, em função do que estudaram. A cotação total é de quarenta pontos, vinte para cada pergunta.

4. Filosofia da Arte ou Filosofia da Ciência — Esta parte é constituída por uma pergunta de resposta obrigatória. Não há aqui opções porque o programa também não propõe problemas como opção. A cotação é de trinta pontos.

5. Filosofia Política ou Filosofia da Religião — Esta parte é constituída por duas perguntas, optando os estudantes por uma delas, em função do que estudaram. A cotação é de trinta pontos.

6. Metafísica — Esta parte é constituída por duas perguntas, optando os estudantes por uma delas, em função do que estudaram. A cotação é de trinta pontos.

Os estudantes têm, pois, de responder a dez perguntas durante 120 minutos. Isto é razoável, pois as perguntas de lógica são de resposta rápida. Nas outras perguntas discutem-se argumentos e teorias filosóficas centrais e — assim se espera — amplamente conhecidos e discutidos pelos estudantes nas aulas. De resto, também não se pede longas dissertações, mas sim respostas bem pensadas, precisas e sintéticas.

EXAME-MODELO DE FILOSOFIA — 11.º ANO

Prova A — Duração: 120 minutos

1. Lógica e argumentação

1.1. «Um objecto é arte se, e só se, for belo». É esta uma boa definição? Justifique.

1.2. Considere o seguinte argumento: «Se Deus existe, a vida faz sentido. A vida faz sentido. Logo, Deus existe.» Determine a validade deste argumento, recorrendo a um inspector de circunstâncias.

1.3. «Ou somos completamente livres de fazer o que nos apetece ou a liberdade é uma ficção. Acontece que em nenhum país do mundo nos deixam fazer o que nos apetece, daí que a liberdade seja uma ficção». Este argumento contém uma falácia. Qual? Justifique a sua resposta.

1.4. Considere o seguinte argumento: «Deus não existe, pois se existisse não haveria mal no mundo». Identifique as premissas e conclusão, incluindo as premissas suprimidas, caso existam.

2. Epistemologia

2.1. Será o conhecimento uma crença justificada verdadeira? Porquê?

3. Ética

3.1. Será que há bons argumentos contra o utilitarismo? Justifique.

Responda **apenas a uma** das seguintes perguntas:

3.2. «A eutanásia deve ser proibida porque é o assassinio de inocentes». Concorda? Porquê?

3.3. «Os animais não têm direitos porque não são seres inteligentes como os seres humanos». Concorda? Porquê?

4. Filosofia Política

Responda **apenas a uma** das seguintes perguntas:

4.1. Haverá alguma justificação boa para o estado limitar a liberdade dos seus cidadãos? Justifique.

4.2. Platão procura mostrar, no livro *A República*, que a democracia é irracional porque dá o poder de decisão a quem não tem competência para tomar as decisões correctas. Será que a democracia é mesmo irracional? Justifique.

5. Filosofia da ciência

5.1. Karl Popper defende que não é possível provar que as teorias científicas são verdadeiras. Concorda com Popper? Porquê?

6. Metafísica

Responda **apenas a uma** das seguintes perguntas:

6.1. «Ou temos livre-arbítrio e o determinismo é falso, ou o determinismo é verdadeiro e não temos livre-arbítrio». Concorda? Justifique.

6.2. «Sem a possibilidade da vida eterna, a existência humana não faz sentido.» Concorda? Justifique.

EXAME-MODELO DE FILOSOFIA — 11.º ANO
Prova B — Duração: 120 minutos

1. Lógica e Argumentação

1.1. Será que somos obrigados, racionalmente, a aceitar a conclusão de um argumento válido? Justifique a sua resposta.

1.2. «A ciência é dedutiva ou não tem valor». Escreva uma frase que seja a negação da anterior, sem usar a expressão «não é verdade que» nem expressões análogas.

1.3. «Se Deus existe, a vida tem sentido, e se a vida tem sentido, Deus existe». Supondo que é falso que Deus existe e que também é falso que a vida tem sentido, determine o valor de verdade da afirmação anterior. Apresente claramente o seu raciocínio.

1.4. Demonstre a validade da seguinte forma lógica: Se P, então Q; se não R, então não Q; não R; logo, não P.

2. Epistemologia

2.1. «Tudo o que até agora tenho admitido como o mais verdadeiro me foi dado pelos sentidos ou através dos sentidos; contudo, reparei que os sentidos às vezes são enganadores. Ora, é sinal de prudência nunca confiar totalmente no que já antes nos enganou», escreve Descartes. Será este um bom argumento a favor da ideia de que o mundo exterior é uma ilusão? Justifique.

3. Ética

3.1. «O bem é seja o que for que uma sociedade aprova.» Concordada? Porquê?

Responda **apenas a uma** das seguintes perguntas:

3.2. «O aborto deve ser permitido porque as mulheres têm o direito a dispor do seu corpo como entenderem». Concorda? Porquê?

3.3. Discuta o seguinte argumento: «Os animais não têm deveres porque não têm direitos.»

4. Filosofia da arte

4.1. A diversidade de obras de arte é tão surpreendente que até há quem afirme que a arte não pode ser definida. Contudo, continuamos a classificar certos objectos como arte e outros não. Porquê?

5. Filosofia da religião

Responda **apenas a uma** das seguintes perguntas:

5.1. Será que a existência do mal no mundo prova que Deus não existe? Porquê?

5.2. Será que a definição de Deus como ser perfeito implica que Deus existe? Porquê?

6. Metafísica

Responda **apenas a uma** das seguintes perguntas:

6.1. «Assim é a liberdade humana que todos os homens se gabam de possuir e que consiste unicamente no facto de os homens terem consciência dos seus desejos e ignorarem as causas que os determinam. Uma criança julga desejar livremente o leite. Um bêbedo julga dizer, por decisão sua, aquilo que, quando voltar a estar sóbrio, quereria ter calado», escreve Espinosa. Concorda? Porquê?

6.2. «Se a vida, que a nossa essência e existência deseja, tivesse em si um valor positivo e um conteúdo real, o tédio seria coisa que não existiria: a mera existência seria suficiente para nos realizar e satisfazer», escreve Schopenhauer, concluindo que a vida não tem sentido, dado que existe tédio. Concorda? Porquê?

Nota final

Os programas da disciplina de Filosofia, ao longo dos últimos anos, têm-se afastado progressivamente dos problemas e métodos clássicos da filosofia. Como consequência, um retorno, como o que este programa consagra, a estes problemas e métodos, apesar de ser um retorno ao que